

## A PRÁTICA TRADUTÓRIA DE MARIO FAUSTINO EM A *FOLHA DO NORTE*

Mayara Ribeiro Guimarães<sup>1</sup> (UFPA)

### **Resumo:**

Entre 1948 e 1950, Mario Faustino participa do “Suplemento Arte-Literatura” do jornal paraense *A Folha do Norte* como tradutor e poeta, lado a lado de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meirelles, Raquel de Queiroz, Ruy Barata, Aurélio Buarque de Holanda, Paulo Quintela, entre muitos outros. O ineditismo e a ousadia da iniciativa de Faustino contribuem para a projeção do Suplemento como periódico de grande relevância no cenário das Letras brasileiras, destacando o crítico como um importante agente de divulgação não só da literatura anglófona, pelas traduções de James Joyce e T. S. Eliot, mas de grandes poetas de língua alemã, italiana e espanhola, como Reiner Maria Rilke, Rafael Alberti, Afonsina Storni e Juan Ramon Jimenez. A presente comunicação busca refletir sobre a atividade tradutória realizada por Faustino, utilizando exemplos de suas traduções anglófonas, e a importância que teve no desenvolvimento de sua prática poética e crítica, afinadas com a teoria haroldiana da tradução transcriadora.

**Palavras-chave:** tradução, *A Folha do Norte*, Mario Faustino

Sob a direção do jornalista e ficcionista paraense Haroldo Maranhão, o “Suplemento Arte-Literatura” do jornal *A Folha do Norte*, de edição semanal, circulou no norte do país entre os anos de 1946 e 1951. Como revela o importante trabalho de mapeamento feito por Marinilce Oliveira Coelho em sua tese de doutoramento, o Suplemento reunia não só a publicação de traduções, mas de críticas literárias, entrevistas, poesia e ilustrações de artistas plásticos da vanguarda, tendo sido também o responsável pela formação de uma geração de jovens escritores, conhecida como “o Grupo dos Novos”, do qual participou Mario Faustino (COELHO, 133).

Atuante em periódicos literários, além de responsável pela projeção do Brasil provinciano para o resto do país, a nova geração dos suplementos anunciava também a renovação pela qual o cenário literário e cultural brasileiro passaria na década de quarenta e cinquenta. Os grupos literários do Pará, do Ceará, do Recife, de Goiás descolavam-se do eixo Rio de Janeiro-São Paulo-Minas Gerais para percorrer o Brasil promovendo um movimento de descentralização literária, já apontado por Sergio Buarque de Holanda (apud COELHO, p. 123). Na década de cinquenta, Faustino se tornaria um dos maiores expoentes do jornalismo literário brasileiro por meio de sua participação no Suplemento Cultural do *Jornal do Brasil*, militando em favor das vanguardas, sobretudo da poesia concreta.

Entre 1948 e 1950, o jovem Faustino participa do “Suplemento Arte-Literatura” de *A Folha do Norte* como tradutor, ao lado de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meirelles, Raquel de Queiroz, Ruy Barata, Aurélio Buarque de Holanda, Paulo Quintela, e como

poeta iniciante, ao lado de Ledo Ivo, José Paulo Paes, Dalton Trevisan, Ruy Barata, Max Martins, Cyro dos Anjos, entre outros.

Assim, a estreia de Faustino como poeta acompanha sua estreia como tradutor. Escrita poética e prática tradutória nascem juntas como exercícios intelectuais e artísticos que persistirão lado a lado, iluminando um ao outro, na construção do pensamento crítico e composição literária de Mario Faustino durante sua curta vida. A participação do poeta como importante agente de divulgação da prática tradutória em *A Folha do Norte*, por sua vez, ocorrerá pelo viés da literatura anglófona, nas traduções de James Joyce e T. S. Eliot, mas também de poetas de língua alemã, italiana e espanhola, entre eles Reiner Maria Rilke, Rafael Alberti, Juan Ramon Jimenez e Afonsina Storni<sup>1</sup>.

Outro periódico que contou com a participação de Faustino-tradutor foi a Revista *Norte*, organizada por Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa, em 1952, e com apenas três números publicados nesse mesmo ano. Nela Faustino traduz também o poeta americano Robert Stock, que viveu em Belém durante os anos da revista *Norte* e contribuiu para a divulgação da literatura moderna americana entre os membros do Grupo dos Novos (cf. OLIVEIRA, 108) (Paulo Plínio Abreu em *Norte*, por sua vez, traduz *Eyes that last I saw in tears*, poema de Eliot).

Como destaca Oliveira, o interesse que a literatura anglófona despertava não apenas no “Grupo dos Novos”, mas na geração de 1945, sobretudo nas figuras de Ezra Pound, e.e. Cummings, Hopkins, por exemplo, firma-se como reflexo de um cenário de pós-guerra marcado pelo boom da literatura especificamente norte-americana no mercado editorial, causando forte impacto inclusive sobre a geração seguinte, dos irmãos Campos.

Em “Fontes e correntes da poesia contemporânea”, texto de 1957, Edgar Allan Poe (junto a Ezra Pound) – que Faustino também traduz – aparece como expoente da modernidade literária, tanto quanto Baudelaire e Rimbaud, que inaugura a poesia moderna em língua inglesa a partir da nova atitude e concepção da construção poética, sobretudo em sua *Filosofia da Composição*. Nota-se que o valor conferido a Poe reside sobretudo no exercício crítico e teórico efetuado pelo poeta americano sobre a sua própria composição poética, e ainda, no entendimento de que o que garante a existência de um texto literário não são a intuição ou a inspiração, mas a articulação e o arranjo de elementos compositivos que organizam todo um cenário repleto de “escadinhas, alçapões e disfarces” linguísticos, que, no caso de Faustino, se erguem em torno do equilíbrio harmônico entre

---

<sup>1</sup> O presente ensaio é parte de uma pesquisa mais ampla, e ainda em andamento, vinculada ao grupo de pesquisa “Poetas traduzidos na *Folha do Norte*”, desenvolvido pela Profa. Dra. Izabela Leal na UFPA, e do qual faço parte. Como membro, minha pesquisa se centraliza na reflexão sobre as traduções realizadas por Mario Faustino em torno dos autores de língua inglesa que participam do Suplemento para, em última instância, avaliar *se e como* a prática tradutória de Faustino interfere na própria produção poética do poeta e crítico paraense.

“padrões lógicos, musicais e visuais”, de herança poundiana.

Iniciando sua vida intelectual em Belém e antes da aparição explosiva do movimento concretista de São Paulo, Faustino, já nas traduções realizadas para *A Folha do Norte* e para a revista *Norte* e depois no *Suplemento Dominical do Jornal do Brasil* apresenta portanto sólida formação com base na poesia moderna de língua inglesa – além de Eliot, traduz Wallace Stevens, Cummings, Dylan Thomas, Marianne Moore, entre outros, na poesia em língua alemã – traduzindo Rilke e, posteriormente, Goethe, Hölderlin, Heine, Brecht, e ainda, na alta tradição lírica italiana – caso de Dante, Guido Cavalcanti e Leopardi, que, junto a Mallarmé, Valéry, Rimbaud confluirão na gênese da arte compositiva de Faustino, atuando ainda como influências filtradas criticamente e aproveitadas de modo antropofágico.

Desde cedo, portanto, a tradução se confirmará como instrumento de atuação na constituição de sua poética e como “trabalho crítico e pedagógico”, nas palavras de Campos, sistematizado nos rastros de uma formação intelectual de origem poundiana, compartilhada com a geração concretista de Haroldo, Augusto e Décio. No entanto, se a formação os aproximava, a execução poética faustiniana se afastava da radicalização proposta pelos poetas concretistas de estilhaçamento e “encerramento do ciclo histórico do verso”. O projeto mallarmaico de fundação de uma nova linguagem poética era menos central em sua poesia do que a experiência ideogrâmica de Pound, que norteia a reflexão sobre os princípios constitutivos de sua própria linguagem poética e da função a ela atribuída em sua obra, a exemplo da composição de *O Homem e Sua Hora*, estudada por Benedito Nunes.

O desejo de Faustino, na avaliação de Haroldo de Campos, pressupunha portanto a conciliação entre “a estrutura discursiva tradicional do verso com a sintaxe de montagem propiciada pelo método ideogrâmico de Pound” (200). Exemplos disso podem ser encontrados nos poemas “Cavossonante escudo nosso”, “Aqui”, “22-10-1956”, ou “Soneto”, onde, como aponta Nunes, o soneto em decassílabo rimado é decomposto e desarticulado originando uma nova forma que, apesar de inscrever um ideograma verbivocovisual dentro de outro ideograma ainda maior, entretanto, não substitui a discursividade do verso tradicional, valorizado por Faustino. Assim, a integração entre imagem, conceito e ritmo, na construção de seu discurso poético, ao contrário de abolir o verso, conferia-lhe maior centralidade e total reverência. Acredito que o diálogo intertextual que Haroldo de Campos enxerga, de “oficina para oficina” (p. 198), entre a poesia de Faustino e a poesia concreta encontra-se naquele estágio antes do último degrau de explosão concretista, quando o rigor absoluto da crise ainda não fragmentou o verso, ainda não geometrizou o discurso, e sobretudo a partir de um entendimento de que a tradução, entre outros exercícios críticos, tem especial função na constituição e renovação da produção literária e crítica nacional,

pela conquista de novos padrões da linguagem poética.

Em ensaio sobre Souza Caldas, onde batiza o padre de “poeta-elo” por enriquecer o acervo poético brasileiro menos por sua obra autoral e mais por seu esforço “pró-restauração de padrões clássicos” (p. 153), atuando portanto como uma espécie de tradutor-imitador dos clássicos greco-latinos e portugueses, constata que a colaboração mais criativa e original prestada pelo padre foi fruto do exercício tradutório. Com isso deseja Faustino, ele próprio um poeta-elo entre o novo e o clássico, explicitar a ideia de que a contribuição mais expressiva que um poeta pode dar à sua língua e cultura é conferir-lhe uma nova dimensão, ampliando seus limites, “seja em que sentido for” (p.152). Um dos veículos claramente exaltados por Faustino para essa função é a tradução. Sobretudo em uma língua e cultura, à época de Faustino, tão periféricas quanto a portuguesa que, ao contrário do inglês e do alemão, consideradas pelo poeta como bastiões da alta tradição lírica, produziram grandes monumentos literários.

Ainda que as traduções de Faustino para *A Folha do Norte* tragam a marca e o compromisso com a modernidade, ao eleger textos de escritores modernos como James Joyce e Eliot, e expoentes da poesia de vanguarda espanhola, como Alberti e Jimenez, o gosto pelo clássico conduziu-o à tradução de sonetos de Shakespeare, da *Vita Nuova* de Dante, de Horácio, Ben Johnson, entre outros. Essa espécie de ambivalência ou “diálogo pelágico” entre o clássico e o moderno, evidencia-se no “nó mallarmaico” – como apontam os irmãos Campos - da poesia de Faustino, que assinala sem dúvida para uma crise que é também do verso faustiniiano. De um alado a fascinação pela chamada tradição da ruptura, para lembrar Octavio Paz, emblematizada pelo grupo da Revista Noigandres e representativo de uma “escritura geracional e grupal” (CAMPOS, 198-9) e de outro o apego a uma “tradição clássica”.

É o amigo Paulo Mendes Campos quem afirma que: “Antes de tudo sua poesia é o espelho de uma dolorosa consciência de um estado de crise”, como anunciam os versos finais de “Vida toda linguagem”: “Vida toda linguagem/como todos sabemos /conjuguar esses verbos, nomear/esses nomes:/amar, fazer, destruir,/homem, mulher e besta, diabo e anjo/e deus talvez, e nada” (p. 154). Neles, o polo antagonista e agônico entre a constituição da vida e do todo e a destruição da morte e do nada, que organiza a percepção da realidade, contém um elemento matriz de sua poética que é a maneira pela qual Faustino desenvolve seus temas preferenciais de forma antagonística, na avaliação de Benedito Nunes. Se tais oposições segmentam e atomizam o que é indivisível e único, Benedito Nunes cita o poema “O Homem e a sua Hora”, que reproduzo a seguir, como exemplo de superação dos dualismos,: “Vai, estátua, levar ao dicionário/ a paz entre as palavras conflagradas./Ensina cada infante a discursar/exata, ardente, claramente: nomes/em paz com suas coisas, verbos em/paz com o baile das coisas, oradores/em paz com seus ouvintes, alvas páginas/em

paz com os planos atros do universo” (187).

Mas é a força dialética constitutiva do pensamento de Faustino que une sua atuação como crítico ao exercício de criação poética e tradução literária. A produção de poemas que o situam, dialeticamente, em duas fases poéticas distintas – uma mais conservadora e outra considerada pelo próprio Faustino “impropria para publicação” porque composta de produtos poéticos inacabados e sem uma “linha” que os caracterizaria como “formas suficientemente fixas”, (apud NUNES, p. 35), próxima do experimentalismo concretista – é exemplo direto da atuação dessa força. Responsável pela integração de diferentes aspectos da realidade na composição poética faustiniana, a força dialética de seu pensamento promove também a profunda e sensível articulação entre dois exercícios – o poético e o tradutório – que se complementam e iluminam, além de atuarem no processo de formação e transformação de uma literatura nacional como gestos antropofágicos de tradições e culturas que passam pelo estrangeiro e pelo próprio.

A escolha de traduzir um texto em prosa como o conto “Eveline”, de James Joyce, tem muito a revelar sobre o exercício tradutório de Faustino, a começar pela escolha do autor traduzido, que se destaca essencialmente por ter sido “o maior inovador da literatura inglesa deste século e uma das maiores influências da ficção contemporânea”, nas palavras de Faustino em nota de apresentação do texto, sobretudo pela inovação que desempenhou no alargamento conferido à língua inglesa.

Porque, na tradução de um texto joyceano, alguns dos elementos mais marcantes de seu estilo pessoal de escrita são vitais enquanto questões tradutórias com as quais o tradutor terá de se confrontar, entre eles: 1. aquilo que Haroldo de Campos demarca como o “problema da linguagem” e que envolve uma profunda “perturbação do instrumento linguístico” (CAMPOS, 57), promovendo a “criação de um novo léxico”, retirando a palavra do seu contexto comum e desarticulando-a para rearranjá-la na página, interferindo em suas potencialidades virtuais, aumentando as possibilidades de atualização da língua (precisamente aquilo a que se vincula Guimarães Rosa, dentro da tradição do romance moderno de herança joyceana); 2. aquilo que José Roberto O’Shea (também tradutor de Joyce) chama de “polifonia” e que se mostra na inflexão da fala dos personagens, isto é, em um coloquialismo transformado esteticamente; 3. e, ainda, a forte musicalidade presente em sua prosa, precisamente elementos tidos em altíssima consideração no projeto poético faustiniano.

O tema da paralisia presente no funcionamento e na mentalidade da sociedade irlandesa da virada do século XIX para o XX é tema central e por isso incontornável na obra joyceana, sobretudo nos contos de *Dublinenses*, entre os quais se encontra “Eveline”. Como desdobramento deste tema, cito ainda a relação entre a mobilização e o deslocamento permanentes gerados pela vida, em um

polo, contrastados à imobilização e o véu de palidez que a morte encomenda, em outro. A partir desse entrelaçamento Joyce combina aspectos da vida mundana e do cotidiano banal aos seus momentos de epifania, quando, de dentro do prosaico, do ordinário e do fragmentário, faz brotar a repentina manifestação espiritual pela epifania que envolve os personagens, e que altera a visão de mundo do homem, leitor ou personagem joyceanos, bem como a ordem direta das coisas. “Eveline” entrelaça os três temas mencionados acima e finaliza com o momento de epifania da personagem que confere título ao conto.

O conto se estrutura, ainda, sobre o tema da oposição contrastiva entre deslocamento e paralisia. Percorrer uma Dublin imaginária e real, nos contos de *Dublinenses*, em busca de um reconhecimento identitário, em um período em que história e cultura sofriam graves impactos, aponta para o sentimento de amor e ódio pela terra natal que a condição de exilado proporcionou a Joyce e que o projetou em um espaço de constante redefinição deste mesmo senso de identidade intensificada pelo sentimento de não-lugar e desterritorialidade.

A travessia por espaços, personagens e pela história de Dublin apresenta-se como uma jornada pelo território emocional e moral do indivíduo, apontando a fragmentação, a incompletude e solidão que a região de difícil apreensão e visibilidade promove no contato entre a dimensão histórica e a cultura, evidente na descrição da zona indiscernível em que se encontram os anfitriões do reino dos mortos, como no conto “Os mortos”. Ao mesmo tempo em que a aproximação da morte vem trazer notícias da dura certeza da mortalidade, ela também pode se apresentar como a própria sugestão de mergulho nessa zona indefinida – aproximação e afastamento: paradoxo moderno. É assim que a condição de imigrante coloca a identidade em trânsito, a partir da vivência dos limites de pertencimento e não-pertencimento e da transformação desses horizontes. No limiar da violência da desidentificação, a linguagem também imigra para regiões sem fronteiras, assumindo o próprio lugar de território estrangeiro, zona de mutação que interessa à literatura e à experiência de tradução, pelos desenhos formados a partir do encontro de extremos. O jogo que se estabelece entre a expansão e retração das marcas da tradição para uma subjetividade em trânsito, e do abandono de si para a mescla com a diferença, cria zonas de interseção e entre-lugares. Em um primeiro movimento, atingir essa mescla é atingir o domínio do desconhecido, do enigma, e, nesse ponto, o próprio escritor torna-se um tradutor.

A posição de imigrante, ou de estrangeiro, ou ainda de viajante, à qual Eveline poderia se entregar, mas não o faz, vem implicar questões vinculadas à noção de identidade e cultura, que, quando postas em circulação pelo processo tradutório efetuado por Mario Faustino, em 1948, ganham nova dimensão se entendermos o papel da tradução como fenômeno de intercâmbio cultural ligado à formação de uma identidade nacional.

PAZ, Octavio. “A tradição da ruptura”

CAMPOS, Haroldo, “Mario Faustino ou a Impaciência Órfica”

\_\_\_\_\_ “Da tradução como criação e como crítica”

\_\_\_\_\_ “Da razão antropofágica: dialogo e diferença na literatura brasileira”.

\_\_\_\_\_ “A linguagem do Iauratê”

FAUSTINO, Mario. “Poeta-elo”. In: *De Anchieta aos Concretos*.

\_\_\_\_\_ “Poesia, Brasil, 1956”. In: *De Anchieta aos Concretos*.

\_\_\_\_\_ “Poesia, Brasil, 1957”. In: *De Anchieta aos Concretos*.

\_\_\_\_\_ “A poesia concreta e o momento poético brasileiro”. In: *De Anchieta aos Concretos*

\_\_\_\_\_ “Um ano de experiência em poesia”. In: *De Anchieta aos Concretos*

\_\_\_\_\_ *Poesia completa e traduzida*.

NUNES, Benedito. “A poesia de Mario Faustino”.

SILVA, Antonio Manoel dos Santos. “Presença de Poe na poética de Mario Faustino”. In:  
*Fragmentos*, Florianópolis, número 17, jul-dez 1999.

JOYCE, James. “Eveline”. In: *Dublinenses*.

---

<sup>i</sup> Profa. Dra. Mayara Ribeiro Guimarães, [mayribeiro@uol.com.br](mailto:mayribeiro@uol.com.br), Universidade Federal do Pará (UFPA), FALE